

Cenas de virilidade: relatos sobre a Batalha de Rosário em 1978.

Leonardo Turchi Pacheco – Unifal - MG

Em menos de um minuto de partida Batista é derrubado por Luque no meio de campo. Oscar pega Bertoni por trás e dá um soco em Luque fora da visão do arbitro. Mais alguns segundos é a vez de Rodrigues Neto trombar com Bertoni que o encara ameaçadoramente. Toninho e Ortiz se enrolam e vão chão. Chicão é derrubado por Galván.

Entradas duras, a bola não ultrapassa a zona de intermediária, poucos chutes a gol e um zero a zero que vai se desenhado como o placar da partida.

Esta é a sensação de quem revê a partida, como eu fiz reiteradamente. Esta devia ter sido a sensação de quem a viu no estádio ou na televisão. Em retrospecto fico imaginando como Chicão, descrito por Placar no dia 17 de março de 1978, “o violento médio-volante que coleciona mais de dez expulsões em sua carreira, o implacável marcador que combina raça, garra e alguma deslealdade” foi convocado no lugar de Falcão – “o senhor do futebol elegante [...] cabeça erguida e grande tirocínio em suas manobras” (Heizer, 1997, p. 254)? E como era possível em uma partida considerada uma “final antecipada” o banco brasileiro estar repleto de craques como Zico, Rivelino e Nelinho enquanto em campo estavam jogadores medianos, “meros operários da bola” como Dirceu, Batista e Jorge Mendonça. E ainda, como não selecionar Reinaldo e Cerezo para o jogo e optar pro Chicão e Roberto?

Creio que é possível elucidar estas questões por meio de uma reflexão sobre os discursos de masculinidade emitidos pela mídia no Brasil. Deste modo o intuito desse paper é explorar os relatos construídos pela mídia impressa brasileira, especializada no campo esportivo, mais especificamente as revistas Placar e Manchete Esportiva, para dar sentido à batalha de Rosário.¹ Argumentamos que para analisar este jogo em particular e a campanha brasileira das eliminatórias até a decisão do terceiro lugar em 1978 é preciso se ater na categoria guerra utilizada pela imprensa brasileira para atribuir

¹ Entendo que o olhar sobre os acontecimentos são oriundos da lente brasileira e se manifestam como um fragmento da história. Como ressalva pode-se dizer que a análise está baseada em um dos lados da história e sem dúvidas os relatos da imprensa argentina, o qual infelizmente não conseguiu acessar, enriqueceriam ainda mais a análise do evento. Helal (2006) explorou outros relatos sobre rivalidade entre Brasil e Argentina tomando como fonte os periódicos El Gráfico e Olé que evidenciam o outro lado do olhar dos periódicos argentinos sobre os brasileiros.

os vários jogos da equipe brasileira e os discursos sobre masculinidade que ora acusavam os atletas de negligenciar o estilo brasileiro de jogar futebol e ora exaltavam a virilidade e força bruta como solução para resolver as partidas.

As Guerras e a masculinidade

Se houve uma palavra utilizada para compreender as partidas da Seleção brasileira nos amistosos, nas eliminatórias e na Copa do Mundo, esta foi Guerra².

Não é surpresa a associação entre jogo e guerra. Como indica Huizinga (2005, p.101) “chamar ‘jogo’ à guerra é um hábito tão antigo como a própria existência dessas duas palavras [...] E não há dúvida que toda luta submetida a regras, devido precisamente a essa limitação, apresenta as características formais do jogo”

E muito menos é surpreendente quando se associa a guerra a masculinidade. Badinter (1993) e Moose (1996) compreendiam que a guerra é a esfera em que a masculinidade ganha legitimidade de expressão. Não só a coragem e o controle emocional são necessários para se por à prova, como a violência e brutalidade são essenciais para se impor aos adversários. Mas, ainda, o sentimento de solidariedade e de camaradagem entre homens podem ser expressos livremente.

É importante recorrer a Ceccheto (2005) para definir masculinidade nos termos que aqui pretendemos abordar.

Esta autora ao examinar criticamente alguns temas significativos e alguns autores fundamentais que se cercam da teoria feminista para os estudos de gênero aponta para uma definição da masculinidade como sendo relações plurais, apartadas de um conceito de natureza reducionista. E aproximada de percepções que a entendem como um construto social, histórico e cultural em constante transformação, em perpetua reafirmação e negociação em diversas esferas sociais.³ “Como reconhecem esses autores, há uma diversidade de estilos ou tipos de masculinidades, cada uma

² Placar 4 de março de 1977, Placar 02, 23 e 30 de junho de 1978, Manchete Esportiva, 2, 16 e 30 de maio de 1978, 13, 20, e 27 de junho de 1978. Em todas essas edições foram narradas, através das reportagens e comentários, histórias sobre os enfrentamentos esportivos como guerras e batalhas a serem vencidas. Nessas narrativas a ausência de medo do combate era entendida como uma característica positiva dos jogadores brasileiros. Houve a guerra nas eliminatórias contra o Paraguai, a guerra em Wembley contra os Ingleses, a guerra em Munique contra os alemães e até a guerra contra um selecionado Gaúcho em Porto Alegre. E houve a guerra de Rosário na Argentina.

³ Almeida (1995) e Connel (1995) são autores mencionados por Ceccheto como referências importantes para se pensar as políticas da masculinidade. Estes autores exploram em suas análises sobre o mundo masculino as questões das masculinidades plurais, que convivem em uma mesma esfera e são envoltas em relações de negociações por poder simbólicas e concretas sobre visões de mundo, comportamentos, gestos e modos corporais adequados.

correspondendo a diferentes inserções dos homens nas áreas da política, da economia e da cultura, entre outras” (CECCHETO, 2005, p.57).

Como indica Vigarello (2013) à virilidade no esporte, apesar de mudanças significativas como o crescimento da atuação feminina em algumas práticas esportivas e a redefinição de conceitos de masculinidade e igualdade de gênero, é envolta pelas idéias de coragem, força dominação e controle das emoções. E ainda pontua como Hiuzinga que combate e guerra são sinônimos de jogos.

Portanto estes autores fazem crer que as masculinidades, quando associadas a praticas sociais como a guerra ou o jogo, são construídas através de significados como a coragem, a força, a dominação e o controle das emoções. Ora, não é fortuito que as manchetes que acompanhavam as reportagens dos jogos da seleção brasileira eram intituladas “o time sem medo”, “um time valente”, “uma guerra para machões”. Todas elas reforçando se não era pela técnica que a seleção brasileira se impunha era pela garra e raça, pela vontade de vencer.

Eram estas as características que Ney Bianchi e Marco Antônio Rodrigues reforçam para justificar o desempenho da seleção brasileira em campos europeus antes da Copa da Argentina⁴:

Antes os europeus nos chamavam de frouxos, Coutinho comenta: “diziam para quem quisesse ouvir, que para espantar um jogador brasileiro basta dar-lhe duro. Ele não gosta de jogar pesado. Nem no corpo a corpo. E muito menos apanhar. Agora *eles nos chamam de animais*. Coutinho conclui: ‘Não

⁴ É curioso perceber como algumas características identitárias atribuídas aos indivíduos pelos outros, ou estigmas se preferir, são utilizadas em momentos históricos distintos. Este foi o caso das categorias *animais e campeões* Morais utilizada para definir os argentinos em 1966 e os brasileiros em 1977 e 1978. Em ambos os casos ela se referia ao excesso de virilidade em jogo e a ausência do civilizatório conceito de “fair play”. Alabarces (2006) mostra como, no caso argentino houve uma inversão de significados que os permitiram reforçar a identidade nacional. O autor remonta a Copa de 1966 para refletir sobre a identidade argentina. Como se sabe a Copa de 1966 foi disputada na Inglaterra. E também, através de Archetti (data) sabemos como os ingleses são fundamentais para a origem do mito argentino de seu estilo de jogo. Nunca é demais reforçar que os ingleses, em alguns discursos, são considerados como a antítese do *fútbol criollo* e por isso mesmo se configura como o seu outro significativo, sua alteridade referencial – o adversário a ser derrotado. Em 1966 um encontro nas quartas de finais entre argentinos e ingleses foi marcado por algumas entradas ríspidas de uns sobre os outros. O capitão argentino foi expulso em um destes contatos corpo a corpo e ao sair de campo chutou uma garrafa de água e foi vaiado pelos torcedores ingleses. Na coletiva de imprensa pós-jogo, vencido pelos ingleses, o técnico britânico comparou os argentinos a animais. Portanto um estigma colocado pelo outro significativo – o Império colonizador – ao pobre colonizado, segundo faz crer as análises do autor. E os argentinos acusaram o torneio de favorecimento as seleções européias em detrimento das sul-americanas. Na volta para casa, tudo se inverte. Os jogadores argentinos são recebidos como heróis pelas autoridades estatais. Foram considerados campeões morais. O autor, atenta para a inversão do estigma atribuído pelos ingleses e para a utilização deste como uma marca de resistência. Se o discurso de argentinidade é agressivo e nacionalista, ele se legitima pela ética de superioridade esportiva de uma luta de forças entre pobres colonizados e poderosos capitalistas. E a arma de luta dos pobres é a violência interpretada como “coragem e solidariedade de equipe”. Ora, não é esta mesma lógica ética e moral que a batalha de rosário pode ser interpretada pelas revistas brasileiras?

mandei bater. Nem na Alemanha, nem na Inglaterra, dois jogos muito violentos. Mas a ordem era ninguém fugir do pau. E, isso, este time faz”. A imprensa européia parece ter entrado num acordo a respeito do novo escrete do Brasil: é violento e faz de cada jogo uma batalha campal (BIANCHI. O time mais valente. Manchete Esportiva, nº 28, 25 de abril de 1978, p. 4).

Marco Antônio Rodrigues, mesmo reafirmando a virilidade da equipe brasileira, sugere que alguns aspectos do estilo de jogo não condizem com o esperado tradicionalmente pelo futebol brasileiro e alerta para características que necessitam ser mais bem empregadas, se a estratégia for o combate viril.

Por um medo inexplicável, a seleção brasileira deixou de ser a primeira seleção sul-americana a derrotar a Inglaterra em Wembley. Depois do gol de Gil, logo no começo do jogo, ela deixou de jogar futebol, deu pontapés, ficou na retranca, se acovardou taticamente [...] De qualquer forma, porém, foi um bom teste [...] Pelo menos este time demonstrou que parece preparado para o clima de guerra que certamente encontrará nesta Copa. E que não é um grupo de jogadores que fogem do jogo violento. Ao contrário, se precisarem ser violentos eles estão capacitados. Mas é bom a comissão técnica, mais uma vez, tomar cuidado com os nervos de Rivelino e Toninho Cerezo. Principalmente este que perde o controle emocional com muita facilidade. (RODRIGUES. A incapacidade de Dirceu, o protegido de Coutinho, prejudica toda a seleção. Manchete Esportiva, nº 28, 25 de abril de 1978, p. 49).

O comentário de Marco Antônio Rodrigues antecipou em três meses algumas das acusações que a equipe comandada por Coutinho sofreu por parte dos jornalistas durante a Copa – algo que nem a campanha invicta (campeões morais) dissipou.

Os jornalistas acusavam o comando técnico da seleção de não honrar as tradições do estilo futebolístico brasileiro. O futebol tecnocrata, sem imaginação que privilegiava a tática em detrimento das habilidades dos craques. A falta de objetividade, a ausência de beleza, das jogadas pelas pontas, das gingas e dribles eram muito criticados pelos mídias de 1978.

A equipe jogava com receio dos adversários e jogadores mais técnicos eram preteridos em favor dos mais “raçudos”. Deste modo, Zico, Rivelino, Cerezo e Reinaldo foram mal aproveitados e sacados do time. Enquanto Chicão, Batista, Jorge Mendonça e (búfalo) Gil foram aproveitados pela forma “dura” como jogavam. “E é verdade, sinto que o Chicão não vai pipocar nunca como fez Cerezo. Ele sente mais emoção, mais vontade de jogar, e joga melhor quanto mais nervoso, mais difícil for o jogo” (SANTOS. Ausência de Rivelino fez crescer a boataria de sua ida para o Cosmos Manchete Esportiva, nº 37, 27 de junho de 1978, p.53).⁵

⁵ Talvez, esta tenha sido uma das justificativas para Coutinho não convocar Falcão para a Copa do Mundo. Além dessa, fica-se sabendo, pela reportagem de Divino Fonseca para Placar, que o jogador

Portanto, houve a acusação que alguns jogadores sentiram as partidas e amarelaram. Não agüentaram a pressão de se jogar a Copa do Mundo e de enfrentar em determinado momento o time da casa. Este foi o caso de Zico, Cerezo e Reinaldo que para Coutinho tiveram a “emotividade aumentada” e “tiveram distensões ou diarreias”.

É importante observar que as acusações a que foram submetidos os mineiros estão associadas ao simbolismo da pipoca e da diarreia com a idéia de homem mole. O homem mole,⁶ ao contrário do homem duro, é aquele que introjetou as acusações feministas, de que todo homem é um chauvinista, carrasco e dominador, tornando-se cada vez mais feminino e menos masculino nos moldes ideais. Tomou para ele certa percepção da natureza feminina, como sendo associada à passividade, à docilidade e a outros atributos que negam a agressividade, a guerra e a competição. O homem que “pipoca” é aquele que, ao invés de encarar o adversário no corpo a corpo, pula tal qual uma pipoca, evita o choque corporal por medo de se machucar. Ele evita o confronto, da mesma forma que alguém com diarreia se esconde e desaparece do convívio público até que o mal súbito tenha terminado. O homem, quando é chamado de “cagão”, o que é considerado um insulto nos países latinos, significa que, quando desafiado, ele não aceita o desafio por que tem medo – ele é um covarde.⁷ O medo provoca reações físicas como os distúrbios intestinais e talvez daí provenha o epíteto “cagão” para aquele que tem medo. Por outro lado, quando ele aceita o desafio e enfrenta seu oponente independente de quem seja, em qualquer circunstância, até nas adversas, diz-se que ele tem “culhões”. Ter “culhões” é uma atitude que indica que o agente possui força, decisão, agressividade e valor próprio. Essa atitude é independente do gênero do agente. Assim, mulheres decididas podem ter “culhões” e homens indecisos e reticentes são “cagões”.

A Batalha de Rosário

entrou em confronto com o técnico por deixá-lo na reserva em um dos jogos. A opinião pública – torcedores, cronistas esportivos, repórteres e políticos – cobrava e entendia, em raro consenso, que o jogador deveria estar relacionado no grupo dos vinte e dois jogadores que foram à Copa.

⁶ Para a crítica e uma discussão mais aprofundada sobre as características do homem mole em oposição ao homem duro ver, Badinter (1993).

⁷ Mosse (1996) aponta que ser considerado um covarde é o pior insulto que um homem de honra pode ser acometido. Ao se acovardar a sua reputação, a sua dignidade, a sua masculinidade estarão sendo contestadas. O que faz crer que o homem covarde é menos homem, talvez nem seja um homem de verdade, pois ao renunciar a luta, o duelo, ele perde toda a sua hombridade. A derrota no duelo minimiza essa sensação de perda de hombridade. É certo que há uma perda do poder frente a seu opositor, no entanto perder lutando, ao invés de fugir do combate, é encarado como mais digno.

A seleção brasileira não havia feito uma boa primeira fase no Mundial de 1978. Após dois empates e uma vitória magra avançou a segunda fase. A seleção argentina, por outro lado, havia ganhado as suas duas primeiras partidas e já classificada perdeu a terceira. Quis o modelo da competição que na segunda fase fossem separados dois grupos de quatro seleções. Por meio de enfrentamento entre elas dentro do mesmo grupo, duas – as melhores classificadas em cada grupo – fizessem a final. Assim Argentina, Brasil, Peru e Polônia se viram em um dos grupos. O outro era formado por Holanda, Áustria, Itália e Alemanha.

A partida intitulada por “Batalha de Rosário”, pelos periódicos brasileiros, aconteceu na segunda rodada da segunda fase do torneio. O Brasil havia vencido por 3 a 0 o Peru e a Argentina por 2 a 0 a Polônia.

Os relatos dão conta que partida foi realizada num estádio de dimensões reduzidas e com um espaço ainda menor separando a torcida do campo, esperava-se que os jogadores brasileiros sentissem a pressão da torcida adversária que começou fora do campo.

Deveria ser uma guerra para machões. Desde que a seleção chegou à cidade, o clima não era fácil. Até as 3 da madrugada, a polícia permitiu que os torcedores acionassem buzinas à frente do Hotel Libertador, onde a seleção tentava dormir. Parecia voltar o clima da década de 40, das faladas batalhas entre argentinos e brasileiros (FONSECA e CARVALHO. Vamos ganhar e depois torcer. Placar, nº 426, 23 de junho de 1978, p.8).

Era uma partida fundamental para as pretensões de chegar à final Brasil e Argentina no Mundial – “a decisão antes da decisão”. O que era para ser um jogo para o reforço dos respectivos estilos de jogo foi um jogo truncado que acabou em zero a zero. Inclusive, este é um jogo considerado por alguns jornalistas que cobriram as Copas do Mundo, como o um dos piores jogos entre Brasil e Argentina de todos os tempos (Toguinhó, 1994; Yallop, 1998 e Galeano, 2004).

Como Divino Fonseca e Sérgio Carvalho descreveram nas páginas de Placar:

Começou com muita catimba, como se esperava. A cada falta que recebia, Luque simulava ter sido agredido. Bertoni cuspiu tanto que parecia um Chafariz. Mais uma vez o time argentino cercou o juiz. E tudo foi aceito com naturalidade, exceto por Leão, que foi impedido a tempo de peitar Luque e muitas (vezes) pediu a Batista que acertasse o centroavante no braço machucado. [...] Chicão trombava [...] Enquanto esteve no banco, Zico filmou cenas da partida, indignando-se com a catimba dos argentinos. No calor do jogo, confundiu valentia com revide, e acabou tomando seu amarelo (PLACAR, São Paulo, nº 426, 23 de junho de 1978).

O empate sem gols fez o estádio ficar em silêncio, pois a Argentina, para chegar à final, deveria ganhar do Peru com uma diferença de gols maior do que possuía o Brasil naquele momento.

Os periódicos brasileiros tomaram este fato como favorável da virilidade do jogador brasileiro. Como todas as adversidades: adversário jogando em casa, estádio de dimensões reduzidas, torcida rival em grande maioria, realizando tensão e pressão, os “heróis” brasileiros não tremeram e mostraram coragem ao enfrentar o adversário.

A capa que estampou a manchete esportiva, afirma – “Time sem Medo”. E descreve toda a tensão do início da partida e dos primeiros minutos de jogo. Além disso, avaliou cada jogador a partir de seu desempenho, cada um recebe uma nota e um comentário sucinto. A grande maioria recebeu notas acima de 8:

Leão nota 9, não teve trabalho. Foi de qualquer maneira um herói, agüentando a pressão da torcida argentina atrás de sua meta [...] Oscar nota 9, logo de início da partida deu dois **cartões de visita** que deixou Luque muito longe da área brasileira [...] Rodrigues Neto nota 8, quando foi “encarado” por um adversário, logo nos primeiros minutos da partida, soube responder à altura, impondo sua moral [...] Chicão nota 8, entrou para fazer o papel de “bandido” e acabou se firmando como um valente e eficiente mocinho [...] destruiu com muita vontade, [...] Batista nota 9, firmou-se como um excelente destruidor no meio de campo [...] (Manchete Esportiva, nº 36, 20 de Junho de 1978, p.11)

As críticas da ausência do “verdadeiro futebol arte” tomaram outra dimensão. Percebe-se que a virilidade, a capacidade de destruir os ataques adversários, mais do que a ginga, a magia do drible, os passes envolventes em direção ao ataque foram privilegiadas para avaliar os atletas.

E é isso que gostaria de enfatizar neste momento. Tanto o jogo brasileiro quanto o argentino não se aproximaram do que Franco Junior (2007), assim como DaMatta (2006), Archetti (1999,2008), Alabarces (2006) e Guedes (2006) antes dele, apontam para compreender os estilos de jogo entre argentinos e brasileiros.⁸

Franco Júnior aproxima os estilos de jogo com a maneira de uso do corpo na dança dos rivais:

⁸ Como assinala Toledo (2009), ao comparar o estilo de pensar de o futebol entre Archetti e DaMatta, ambos pensam o futebol através do debate da identidade nacional. Segundo Toledo, Archetti pontua a identidade híbrida dos argentinos e os espaços de sua expressão. “Fenômenos políticos, de cidadania e todos os elementos que constituem o processo identitário argentino a partir do lugar social que ele mesmo define como *zonas livres*” (Toledo, 2009, p.257-258). DaMatta se atém a formação estrutural da identidade em um regime pendular que favorece ora o indivíduo e ora o hierárquico. Toledo ainda coloca o futebol como pensado por DaMatta junto a um dos vértices, o das procissões e a neutralização, de seu modelo de triângulo ritual para compreender os ritos e festas no Brasil.

Mas a muitas formas de bailar, pois, como o antropólogo inglês Edward Evans Pritchard propôs há muito tempo, toda dança é representação de organização social. Trazendo esta idéia para o mundo do futebol, talvez se possa dizer que ao tango e seus passos firmes, suas reviravoltas bruscas, suas alternâncias de ritmo, ora rápido, ora lânguido, corresponde o futebol argentino de muitos passes e fintas curtas. Ao samba, com seus movimentos livres, suas gingas e seu ritmo acelerado, corresponde o futebol brasileiro com muita improvisação e dribles (FRANCO JUNIOR, 2007, p.226).

Guedes aponta para a formação de ambos os estilos.

Por outro lado, tudo que nos une, nos separa: complexas diferenças foram tecidas no processo de naturalização destes “estilos” tão parecidos. E estas diferenças situam-se nos elementos “étnicos” que são chamados a compor a sua história. De um lado da fronteira, italianos, espanhóis e gaúchos, do outro, índios, negros e brancos. A herança latina – italiana e espanhola – conjugada a uma mítica essência gaucha é valorizada e recriada no futebol criollo na Argentina (ARCHETTI, 1999, 2001), pressupondo qualidades que, espontaneamente se expressam no estilo argentino. Segundo este autor, o estilo *criollo* de futebol (la nuestra) é parte de um conjunto de transformações do modelo do gaúcho fecundado, como os ganhões puro-sangue fizeram com as éguas *criollas*, pelas qualidades físico- morais dos imigrantes europeus de origem latina. Híbridos os cavalos, híbridos os homens. [...] O constructo brasileiro alimenta-se, vagamente, do mito das três raças, apresentando-se e representando-se como um amálgama “mestiço (ver entre outros, LOPES, 1998) no qual, sem dúvida, o lugar do negro é determinante. O sinal dicrítico, a diferença essencial, é a incorporação simbólica do negro como responsável pela forma “espontânea” de usar o corpo em “dribles, malandragem, jogo de cintura” sem qualquer esforço ou aprendizagem (GUEDES, 2006, p.140).

Archetti (1999, 2008) utiliza narrativas do periódico El Gráfico e através das narrativas propostas por Borocotó e Chantecler propõe-se a compreender o processo de “Criollo-ization” na formação do estilo de jogo argentino e conseqüentemente no estilo de masculinidade dos mesmos. Segundo o autor, enquanto as narrativas de Borocotó apresentam a purificação da idéia de hibridização cultural, Chantecler em suas narrativas apontam para o desenvolvimento e constante transformação do estilo *criollo*, tornando relevante o papel dos imigrantes e até dos ingleses para sua constituição. Apesar das diferenças, inclusive de período histórico, um jornalista escreve em 1928 e o outro em 1950 sobre o estilo *criollo* e o estilo masculino envolto no estilo – o *pibe*. Eles convergem nas imagens quando apontam que o *pibe criollo*, como estilo de jogo e masculinidade, ao contrário do estilo inglês (máquina, frio e calculista), têm uma característica que o aproxima do elemento infantil de maneira positiva. Isso porque é um homem que possui a capacidade de improvisar, se fez nos terrenos baldios (baldios e los potreros), é astucioso, prenhe de habilidade e livre. “El baldío es un mundo de chicos pícaros, astutos y que hacen lo que quieren” (ARCHETTI, 1999, p. 55).

DaMatta (2006) contrapõe o futebol brasileiro jogado com os pés e portanto imprevisível do brasileiro ao *football* praticado com as mãos e extremamente racionalizado dos norte-americanos. A oposição se dá no entendimento cultural de que o esporte no Brasil é um jogo e uma brincadeira e que entre os norte-americanos é um esporte e não uma brincadeira: *game* e não um *play*. Outra oposição se dá entre a postura corporal. As mãos e os pés. As mãos estão associadas à racionalização do trabalho enquanto os pés estão associados à dança nos momentos de lazer. Além disso, a parte do baixo corporal tem uma conotação sexual. Os pés podem ser pensados como símbolo sexual que domina a bola e se serve dela como um objeto feminino.

Apesar das diferenças pontuais, é interesse observar que a construção do estilo brasileiro e argentino de jogo passa pela improvisação, malícia, dribles, natureza do craque desde nascença, a rua como local de prática e de reforço de masculinidade.

Mas neste momento, pelas páginas de Manchete Esportiva e Placar nem argentino e menos ainda os brasileiros foram retratados pelo mito de origem que lhes dá a identidade do estilo de jogo. Podemos dizer que estes estilos são muito mais imaginados do que reais. Creio que tanto brasileiros quanto argentinos possuem diversos estilos de jogo, assim como de masculinidades. Entre seleções, raramente estes estilos aparecem em sua maneira construída e idealizada. Talvez, podemos dizer que em 70 e 82 para os brasileiros e 86 para os argentinos foi o mais perto da idealização que estes estilos foram visíveis.

Mas será que podemos afirmar que ao empatar em zero a zero, sem que nenhum das metas tenham sido violadas pelos respectivos rivais houve também um empate nos estilos de jogo e de masculinidade?

Por fim, enfatizar que a Copa de 1978 na Argentina foi a Copa da Ditadura é um truísmo histórico. Primeiro porque foi um evento realizado durante um regime ditatorial que desrespeitava direitos humanos e silenciava vozes contrárias ao modo de governo. Depois porque foi um evento organizado por uma junta militar, com o aval da FIFA, que procurava desfazer a imagem negativa da opinião internacional que a acusavam de práticas de tortura e assassinatos em massa (Agostino, 2002, Franco Júnior, 2007). Não vamos nos esquecer que a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) era presidida por um Almirante e o comando técnico da seleção brasileira era dirigido pelo capitão Coutinho. Aqui, como lá, os governos militares não pouparam esforços financeiros e estratégias para tornar real o sonho de um título Mundial que poderia simbolicamente ajudar a retardar a decadência dos respectivos regimes.

Na argentina os militares precisavam criar meios de sobrevivência, pois atravessavam períodos de resistências internas, e acusações externas, e necessitavam de apoio para continuar governando. E em certa medida, estes militares utilizaram tanto os protestos externos como os protestos internos a seu favor para produzir um discurso de uma unidade identitária de origem. – uma “argentinidade”

Esta é uma questão importante que Alabarces (2008) revela no capítulo “El campeón del terror” do livro Fútbol y Pátria. Ao se debruçar sobre o periódico “El Gráfico” para compreender o discurso oficial sobre o Mundial de 1978, este autor aponta para quatro eixos discursivos que são ouvidos hiperbolicamente – aos opositores deste discurso se somam os exilados do regime que estão muito longe da realidade argentina para terem suas vozes ouvidas e a juventude roqueira que escolhe de maneira proposital ignorar a Copa em suas publicações. Como faz crer Alabarces, nas celebrações de 20 e 25 anos do triunfo as comemorações foram tímidas, cheias de sentimentos de culpa e falta de legitimidade da conquista. Algo que supostamente não acontecerá em 2016 na comemoração dos 30 anos do Mundial de 1986.

La memoria del Mundial funciona en la sociedad argentina como un lastre significativo. *Deportivamente*: el triunfo por seis goles contra Perú en la rueda semifinal, que permite el paso de Argentina a la final desplazando a Brasil, es reiteradamente calificado como producto de un acto de corrupción, de negociaciones gobierno a gobierno, de sobornos masivos; esta posibilidad que la memoria de la dictadura alimenta, impide incluso el simple goce de un triunfo deportivo ¿legítimo? *Políticamente*: como señale anteriormente, el Mundial comenzó a ocupar, al final de la dictadura, el lugar de símbolo de manipulación, del ocultamiento, del escamoteo, de la estupidez colectiva [...] la cobertura periodística del vigésimo aniversario de la obtención del título (durante julio de 1998) manifestó esta inestabilidad: Nin aún la distancia – o peor, porque la distancia significa más conocimiento y no mayor olvido – el Mundial podía celebrarse con plenitud. [...] en julio de 2003, buena parte de los textos periodísticos insistieron en la tesis de la influencia deportiva de la dictadura militar, relativizando incluso la validez de éxito futbolístico [...] (ALABARCES, 2008, p.125).

E como apontou em tom acusatório, após o termino do evento, Ney Bianchi nas páginas de Manchete Esportiva:

Foi uma Copa de mutretas, essa da Argentina, mas isso ninguém nunca provará. A verdade matemática é que a Holanda classificou-se honestamente para a decisão, carregada pelo seu carrossel alaranjado. Até aí, tudo bem. Já a Argentina, não. Serviu-se da sua multidão azul e branca, da fibra de seus jogadores, da personalidade de seu técnico, claro, e, eu diria, do dinheiro dos seus cofres se eu pudesse provar. (BIANCHI. Brasil: 540 minutos de bom e mau futebol. MANCHETE ESPORTIVA, nº 37, 27 de junho de 1978, p.23)

Se a Copa foi uma “mutreta” e as lembranças são nas negativas, o jogo Brasil versus Argentina foi entendido como uma final antecipada. Mas, como se viu, a previsão de uma partida em que dois estilos se enfrentariam privilegiando o futebol *criollo* e o capoeira não se concretizou. Ao invés disso evidenciou-se uma masculinidade bélica que não contribui para a beleza do jogo, mas fez com que ambas as equipes não tivessem sua honra maculada e ainda sonhassem com a passagem para a final da Copa.

Referências

AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2002.

ALABARCES, Pablo. Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

ALABARCES, Pablo. Tropicalismos y europeísmos: la narración de la diferencia entre Argentina y Brasil a través del fútbol. In: GASTALDO, Édison e GUEDES, Simoni Lahud. (org.). Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006

ALMEIDA, Miguel Vale. Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século Edições, 1995.

ARCHETTI, Eduardo. Masculinities: football, Pólo and Tango in Argentina. Oxford: Berg Editorial, 1999.

ARCHETTI, Eduardo. Estilos de juego y virtudes masculinas en el fútbol argentino. In: MELHUUS, M. e STOLEN, K.A. (orgs.). Machos, putas, santas: el poder del imaginario de género en América Latina. Buenos Aires: Antropofagia, 2008. p. 43-64.

BADINTER, Elisabeth. XY: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BIANCHI, Ney. O time mais valente. Manchete Esportiva, nº 28, 25 de abril de 1978.

BIANCHI, Ney. Brasil: 540 minutos de bom e mau futebol. MANCHETE ESPORTIVA, nº 37, 27 de junho de 1978.

CARVALHO, Sérgio e AQUINO, José Roberto de. Guerra suja no Mineirão. Placar, nº 412, 17 de Março de 1978.

CECCHETO, Fátima Regina. Violência e Estilos de masculinidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CONNEL, Raewyn. Masculinities: Knowledge, power and social change. Los Angeles: UCP, 1995.

DAMATTA, Roberto. A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DIVINO, Fonseca e CARVALHO, Sérgio. Vamos ganhar e depois torcer. Placar, nº 426, 23 de junho de 1978.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, Eduardo. Futebol ao sol e à sombra. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GUEDES, Simoni Lahud. De Criollos e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. In: GASTALDO, Édison e GUEDES, Simoni Lahud. (org.). Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006 .

HELAL, Ronaldo. Jogo Bonito versus fútbol criollo: imprensa e “olhar” argentino sobre nosso futebol. In: GASTALDO, Édison e GUEDES, Simoni Lahud. (org.). Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

HEIZER, Teixeira. O jogo bruto das Copas do Mundo. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MANCHETE ESPORTIVA, nº 36, 20 de Junho de 1978.

MOSSE, George L. The images of man: the creation of modern masculinity. Oxford: Oxford University Press, 1996 .

RODRIGUES, Marco Antônio. A incapacidade de Dirceu, o protegido de Coutinho, prejudica toda a seleção. Manchete Esportiva, nº 28, 25 de abril de 1978.

SANTOS, Osmar. Ausência de Rivelino fez crescer a boataria de sua ida para o Cosmos. Manchete Esportiva, nº 37, 27 de junho de 1978

TOGUINHÓ, Oldemário. As Copas que eu vi. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Estilos de jogar, estilos de pensar: esboço comparativo entre DaMatta e Archetti. In: TOLEDO, Luiz Henrique e COSTA, Carlos Eduardo (orgs.). Visão de jogo: antropologia das praticas esportivas. São Paulo: Editora Terceiro nome, 2009.

YALLOP, David. Como eles roubaram o jogo: segredos dos subterrâneos da FIFA. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: COURTINE (org.). História da virilidade: 3º A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis – RJ: VOZES, 2013.